



“A NEVROSE DA COR”, UM CONTO DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Hélia da Silva Alves Cardoso*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Rio Grande do Norte, RN, Brasil.

ORCID:0000-0003-3288-2864

*Autor correspondente: (e-mail: heliacardoso88@gmail.com)

ALMEIDA, Júlia Lopes. **A nevrose da cor**. In.: *Ânsia eterna*. 2. ed. Apresentação Cleide Lemos. Brasília: Senado Federal, 2020.

Os personagens principais do conto “A nevrose da cor” da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida, são: o velho Sacerdote, a princesa Issira e o rei Ramazés. O espaço no qual a história se passa é a cidade de Tebas, no Egito. O tempo segue uma ordem cronológica, ambientado na época dos faraós egípcios.

O conto inicia com um velho sacerdote que aconselha a princesa Issira sobre o seu casamento com o príncipe do Egito. No entanto, ela, claramente, se mostra totalmente desinteressada sobre o assunto. O sacerdote insiste em afirmar:

Quanto mais elevada é a posição da mulher, maior é o seu dever de bem se comportar.

Curvai-vos perante a cólera dos deuses! lavai de lágrimas as dores alheias, para que sejam perdoadas as vossas culpas!

“Evitai a peste e tende horror ao sangue...”

– Notai bem, princesa:

E tende horror ao sangue!

A princesa sonhava: ia navegando num lago vermelho, onde o sol estendia móvel e quebradiça uma rede dourada. Recostava-se num um barco de coral polido, de toldo matizado sobre varais crivados de rubis; levava os pés mergulhados numa alcatifa de papoulas e os cabelos semeados de estrelas...

Quando acordou, o sacerdote, já de pé, enrolava o papiro, sorrindo com ironia.

– Ainda estás aí?

– Para vos repetir: Arrependei-vos, não abuseis da vossa posição de noiva do senhor de todo o Egito... lavai para sempre as vossas mãos do sangue... (Almeida, 2020, p. 141-142).

A partir desse trecho, o leitor pode se questionar: Quem é a princesa Issira? Por que o velho Sacerdote insiste em que ela deva esquecer o fascínio pelo vermelho, pelo sangue? Tal questionamento se dá pelo fato de o conto iniciar falando sobre um sacerdote que fala com a princesa, preparando-a para casar-se com o príncipe herdeiro do Egito, algo que logo descobrimos ser um arranjo. Ela não queria, porém, não tinha opção de recusar. Deveria aceitar e se tornar a futura rainha. Quando o sacerdote menciona que Issira tem um certo “apreço, prazer” no vermelho não é difícil para o leitor associar ao sangue. Logo, todos os questiona-

mentos ficam mais intensos sobre a identidade da princesa.

Em seguida vamos conhecendo melhor nossa protagonista, nasceu na aldeia de Karnac:

Princesa de raça, neta de um Faraó, Issira era orgulhosa; odiava todas as castas, exceto a dos reis e a dos sacerdotes. Fora dada para esposa ao filho de Ramazés, e, sem amá-lo, aceitava-o, para ser rainha.

Era formosa, indomável, mas vítima de uma doença singular: a nevrose da cor. O vermelho fascinava-a.

Muito antes de ser a prometida do futuro rei, chegava a cair em convulsões ou delírios ao ver flores de romãzeiras, que não pudesse atingir, ou as listas encarnadas dos kalasiris³⁶ dos homens do povo.

A medicina egípcia consultou as suas teorias, pôs em prática todos os seus recursos e curvou-se vencida diante da persistência do mal.

Issira, entretanto, degolava as ovelhinhas brancas, bebia-lhes o sangue, e só plantava nos seus jardins papoulas rubras (Almeida, 2020, p. 142).

Como era fascinada pelo vermelho, tudo em seu quarto era nessa tonalidade. Quando o pai morre, ela é levada para o palácio real em Tebas, e assim, aguarda a cerimônia de casamento com o príncipe herdeiro. O rei já velho passa a protegê-la como a um pai defende seu filho. É então que a “doença” de Issira retorna: “A loucura do encarnado aumentou” (Almeida, 2020, p. 143), fazendo-a sentir uma espécie de abstinência por não ter mais acesso às ovelhinhas brancas de Karnac. É quando ela experimenta sangue fresco e quente, direto da veia dos escravos, sugando suas vidas:

Um escravo, obedecendo-lhe, estendia-lhe o braço robusto, e ela, arregaçando-lhe ainda mais a manga já curta do kalasiris, picava-lhe a artéria, abaixava rapidamente a cabeça, e sugava com sôfrego prazer o sangue muito rubro e quente!

O escravo passou assim da dor ao desmaio e do desmaio à morte; vendo-o extinto, Issira ordenou que o removessem dali, e adormeceu.

Desde então entrou a dizimar escravos, como dizimara ovelhas (Almeida, 2020, p. 144).

As reclamações começam a chegar até o rei, no entanto, as mortes notificadas eram de escravos, no qual não tinha nenhum interesse e é assim que o rei permite tal horror. Com o passar do tempo, o príncipe – futuro esposo de Issira – morre de forma desastrosa. A partir do seu falecimento, o futuro de Issira também muda, pois o rei já não tinha nenhum compromisso para com ela, ordenando que Issira retorne para sua aldeia em Karnac.

Depois disso, ela passa a vislumbrar o corpo do príncipe ensanguentado, algo que não sai de sua cabeça, passando a sentir uma vontade latente de beber sangue, tem uma insônia cruel. Ao amanhecer ordena que a serva chame um escravo aos seus aposentos, porém, não aparece nenhum. O rei Ramazés resolveu atender o clamor do povo. A sede é tanta, insuportável, que ela necessita saciá-la:

perseguia-a a imagem do noivo, coberto de sangue. A proibição do rei revoltava-a, acendendo-lhe mais a febre do encarnado.

Como na véspera, o sol entrava gloriosamente pelo aposento, através dos vidros de cor. A princesa mordía as suas cobertas de seda, torcendo-se sobre a púrpura do manto. De repente levantou-se, transfigurada, e mandou vir de fora braçadas de papoulas, que espalhou sobre o leito de púrpura e ouro...

Depois, sozinha, deitou-se de bruços, estirou um braço e picou-o bem fundo na artéria. O sangue saltou vermelho e quente.

A princesa olhou num êxtase para aquele fio coleante que lhe escorria pelo braço, e abaixando a cabeça uniu os lábios ao golpe. Quando à noite a serva entrou no quarto, absteve-se de fazer barulho, acendeu a lâmpada de rubins, e sentou-se na alcatifa, com os olhos espantados para aquele sono da princesa, tão longo, tão longo... (Almeida, 2020, p. 146).

Esse trecho encerra o conto de Júlia Lopes de Almeida, “A nevrose da cor”. Esse conto foi originalmente publicado no jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), jornal de grande circulação, numa sexta-feira, 7 de junho de 1889. O conto faz parte da coletânea *Ânsia eterna*, publicada em 1903. O conto sobre a história da princesa vampira Issira foi marcante na literatura brasileira, visto que não havia nenhum registro sobre vampiros em nossa literatura até então. A escritora Júlia Lopes de Almeida tematiza, assim, a sexualidade feminina de forma inédita entre seus pares. Além de que, a princesa vampira Issira é mencionada oito anos antes do romance gótico *Drácula* (1897) de Bram Stoker. Antes mesmo do inglês trazer à tona a história do famoso Drácula, uma mulher do outro lado do Atlântico já falava sobre uma princesa vampira que habitava as terras do Egito Antigo e matava por puro prazer.

No século XIX, a mulher era tratada como a boa esposa, incapaz de algo além dos afazeres domésticos. A dita “boa escrita” era dominada por homens. Júlia Lopes de Almeida surge com uma escrita que desafia os padrões da época, uma mulher à frente de seu tempo com personagens marcantes, mesmo que nossa protagonista em “A nevrose da cor” morra de forma trágica ao fim da narrativa. A autora foi lida na época, mesmo sendo mulher.

Segundo Leonardo Campos do blog “Plano crítico”:

“No conto, temos outro ponto temático bastante interessante: a representação da figura vampira antes de Drácula, o mais famoso livro de Bram Stoker, publicado em 1897, romance considerado o definidor geral da imagem destes seres que anteriormente engatinhavam na literatura e na cultura, constante nos relatos orais de folclores de povos distintos. Sendo assim, antes do monstro deflagrador do caos nas ruas de Londres da Era Vitoriana, a escritora brasileira já tinha desenvolvido uma história sobre o sangue como substância para saciar a sede insaciável de uma personagem cruel e violenta. [...]”

Diferente, por sua vez, de vampiros monstruosos delineados em outras composições literárias, a princesa é um ser intensamente vivo, de exuberante beleza, sedutora e exterminadora. Ela chega a picar o braço de um escravo e beber o seu sangue até o indivíduo encontrar o caminho da morte. Nesta luxúria sanguinolenta, acaba

sendo castrada e, como sua posição se torna complicada, acaba por se sacrificar, tomando o próprio sangue até definhar sem elegância e morrer. No final das contas, eis uma vampira que se torna a sua própria última refeição.

Em linhas gerais, um conto envolvente e sedutor, eficiente na construção de sua atmosfera e que deveria ser mais conhecido pelos leitores brasileiros.^{1º}

Segundo Barp e Albert Zinani (2023), a figura do vampiro caminha na literatura ocidental pelo menos nos últimos dois séculos (XIX e XX), sendo o mais famoso, bem como Leonardo Campos também aborda, o *Drácula* (1897) de Bram Stoker,

porém, antes dele, em produções britânicas, a temática já havia sido abordada em *The vampyre* (1819), de John William Polidori – escrita num concurso em que participaram o autor, Percy Shelley, Lord Byron e Mary Shelley, que também produziu *Frankenstein* (1818) –, e *Carmilla* (1872), de Joseph Sheridan Le Fanu, compatriota de Stoker, em que se apresenta uma vampira (Barp; Albert Zinani, 2023, p. 131).

O fato de *Drácula* (1897) ter sido escrito por um homem, é com certeza, uma influência que pende a balança do sucesso para ser a obra mais famosa a tratar sobre a temática gótica. Os exemplos dados por Barp e Albert Zinani (2023) são da literatura inglesa e escrita por homens, enquanto que aqui na nossa literatura já tínhamos um conto que trabalhava com o vampirismo, escrito por uma mulher, em um jornal de grande circulação na antiga capital do Império, Rio de Janeiro. Uma mulher que foi uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, mas que não pôde assumir uma cadeira por ser mulher, cabendo ao marido esse direito. Todavia,

poderíamos afirmar, inclusive, que Júlia Lopes, na medida em que se fazia apreciar e respeitar pela intelectualidade de seu tempo, abria para as brasileiras um novo espaço, antes vedado a elas – realizando assim a façanha de tornar-se uma verdadeira profissional das letras, num terreno monopolizado pelos homens (De Luca, 1999, p. 280).

Assim, afirmamos que a escrita de Júlia Lopes de Almeida é intimista e peculiar. Uma mulher que, como já foi mencionado, estava à frente de seu tempo. Acreditamos que se tivesse vivido no século XX e conhecido a escritora estadunidense Anne Rice, ousamos supor, que uma excelente amizade poderia surgir. Segundo De Luca (1999, p. 290), Júlia Lopes sempre se preocupou “com a condição feminina, opondo a frivolidade e a apatia das mulheres de classes abastadas (frequentadoras dos salões) à sobriedade e à atividade da mulher humilde, que trabalha para prover sua subsistência”. A autora desenvolveu personagens femininas fortes que rompiam com os paradigmas de uma época em que a mulher já nascia com um destino traçado e cheio de restrições.

O conto, quando publicado no jornal *Gazeta de Notícias*, tinha um subtítulo, foi nomeado

“A nevrose da cor: Fantasia egypcia” (1889). Esse subtítulo foi retirado da edição quando publicado na coletânea *Ânsia eterna* (1903). A princesa vampira Issira é uma protagonista que se submete ao casamento pelo poder de se tornar rainha, não por amor, ela não amava o futuro marido. Fato comprovado quando ele morre e ela começa a ter alucinações sobre beber seu sangue. Era isso que importava, a coroa, um símbolo de poder, fazer o quiser sem ser importunada.

Por fim, concluímos que, Júlia Lopes de Almeida cria a palavra nevrose que pode ser entendida como neurose e/ou necrose, que indica morte celular ou de tecidos no organismo. Um título que prende, que chama a atenção do leitor para saber do que se trata, o porquê de Issira ter fascínio pela cor vermelha, e ao iniciar a leitura, cada linha nos instiga mais a desvendar essa narrativa fantástica. A escrita de Júlia Lopes é genial, singular e desafiadora, uma vez que a autora rompe com a ideia de que escritoras só escrevem romances clichês, personagens planos.

1. REFERÊNCIAS

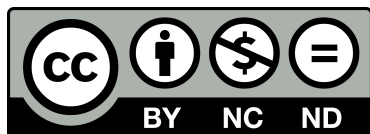
ALMEIDA, Júlia Lopes. A nevrose da cor. In.: **Ânsia eterna**. 2. ed. Apresentação Cleide Lemos. Brasília: Senado Federal, 2020.

ALMEIDA, Júlia Lopes. A nevrose da cor: Fantasia egypcia. **Gazeta de notícias**. Sexta-feira 7 de junho de 1889, Nº 158. Rio de Janeiro. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1889_00158.pdf. Acesso em 21 de mar. 2024.

BARP, Guilherme; ALBERT ZINANI, Cecil Jeanine. UMA VAMPIRA BRASILEIRA QUE PRECEDEU DRÁCULA: A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM VAMPIRESCA EM “A NEVROSE DA COR”, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. **Abusões**, [S. l.], n. 20, 2023. DOI: 10.12957/abusoes.2023.69127. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/69127>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CAMPOS, Leonardo. **CRÍTICA: A NEVROSE DA COR, DE JULIA LOPES DE ALMEIDA**. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-a-nevrose-da-cor-de-julia-lobes-de-almeida/>. Publicado em 23 de agosto de 2023. Acesso em 20 de mar. 2024.

DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). **Cadernos Pagu** (12) 1999: pp. 275-299. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918/2808>. Acesso em: 29 de abr. 2024.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição -Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

Recebimento em: 13/05/2024

Aprovado em: 14/05/2024